

ENTREVISTA | GUSTAVO GELMINI

CINEASTA E COREÓGRAFO

‘Quando monto uma cinedança, sinto que estou coreografando o tempo’



Divulgação

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Cultiva-se a dança entre os deuses para os quais Gustavo Gelmini bate cabeça, como é o caso do alemão Wim Wenders, divindade da autoralidade fílmica que rodou “Pina”. Outra das entidades para quem ele reza, o canadense David Cronenberg (de “A Mosca”), tem o seu balé no body horror, e tira sua força vem de investigações do corpo e suas potências – outro veio de pesquisa de Gelmini, tijucano de 46 anos que adotou Paris como lar, em 2019.

Depois de produzir documentários de êxito mundial (entre eles, “Mataram Irmã Dorothy”) e dirigir peças, esse multiartista passou a investir num veio estético chamado “cinedança”, uma interseção de suas investigações como realizador e de suas invenções como coreógrafo. O assunto é o tema do doutorado que desenvolve em solo europeu, na sequência dos estudos que o diplomaram como Mestre em Dança pela Université Paris 8 Vincennes–Saint-Denis.

Para compartilhar suas reflexões hoje em gerúndio, em fricção, Gelmini vai oferecer, a partir da semana que vem, a masterclass “Cinedança — Módulo 1: Da Pesquisa ao Plano de Filmagem”. As aulas serão ministradas online e ao vivo, via Google Meet, em oito encontros semanais durante os meses de agosto e setembro, às terças-feiras, das 9h30 às 11h, no horário de Brasília.

A formação, voltada para estudantes, artistas e profissionais da dança e do cinema, aborda cinecoreografia, dramaturgia do movimento, processos de ensaio, enquadramento, montagem, luz, som e elaboração de um plano de filmagem para uma cinedança. As inscrições vão até 30 de julho. As informações estão disponíveis no Instagram @ciagelmini e também na URL www.ciagelmini.com/masterclass.

No papo a seguir, Gelmini traz referências teóricas... e evoca seus mestres nas telas... para explicar o que a cinedança representa como espaço de descobertas.

O que define o conceito de videodança e o de “cinedança” e o quanto a sua prática expande a simbiose entre corpo e audiovisual - na linha do que a teórica Donna J. Haraway chama de “Manifesto Ciborgue”, ou seja, a incorporação de próteses, ainda que luz, para expandir nosso sistema biológico?

Gustavo Gelmini - Eu prefiro o termo cinedança. A palavra videodança se popularizou com o acesso às câmeras de vídeo, sobretudo a partir dos anos 1970, mas pode dar a impressão de que essa prática nasceu com esse suporte. Cinedança reinscreve o gênero numa história muito mais longa, porque a dança e o movimento participam do cinema desde seus primórdios. Quanto a definição,

para mim, não se trata de simplesmente registrar uma dança. Existe cinedança quando coreografia, câmera, enquadramento, montagem e som passam a constituir um mesmo organismo dramaturgicamente. Nesse sentido, a tua referência à obra de Haraway é muito pertinente, quando desaparece a fronteira entre organismo e máquina. O corpo é transformado pelo enquadramento e pelo corte, enquanto a câmera deixa de ser apenas registro e adquire uma função coreográfica. Surge daí um terceiro corpo entre o físico e cinematográfico. Gosto também de pensar que curiosamente, essa operação não nos afasta do corpo. Ao contrário, intensifica nossa atenção e nossa escuta do corpo como zona poética.

Na História, onde cinema al-